



BRASIL

INTERNACIONAL

PSOL

PARLAMENTARES ▾

COLONISTAS ▾



photo_11848

China: uma nova potência capitalista imperialista

Uma análise da recente obra “China no Capitalismo Global”

**CHRIS SLEE**

21 MAIO 2025, 09:02

Foto: Trabalhadoras chinesas em mobilização. (Spring Magazine/Reprodução)

Via [LINKS](#)

O livro [China in Global Capitalism: Building International Solidarity Against Imperial Rivalry](#), escrito por Eli Friedman, Kevin Lin, Rosa Liu e Ashley Smith, foi publicado pela **Haymarket Books** e ainda não tem edição em português.

China in Global Capitalism é uma excelente introdução à China atual. Ele discute a natureza da sociedade chinesa e os motivos do crescente conflito da China com os Estados Unidos.

O livro começa argumentando (de forma convincente, na minha opinião) que: “A China do século XXI é capitalista”. [p.11] Os autores mostram que a

Privacidade - Termos



Em uma ampla gama de setores, fica claro que a produção de mercadorias para fins de lucro governa a economia, e não a produção para as necessidades humanas...

Itens como alimentação, moradia, educação, assistência médica, transporte e tempo para lazer e socialização não são fornecidos pelo governo. Em vez disso, a grande maioria das pessoas na China precisa vender sua força de trabalho – sua capacidade de trabalhar – para empresas privadas ou estatais em troca de um salário para poder pagar pelas necessidades. [p.14]

Essa é uma grande mudança em relação ao sistema anterior:

O surgimento de um mercado de trabalho capitalista foi politicamente controverso no final da década de 1970, já que muitos membros do PCCh [Partido Comunista Chinês] ainda apoiavam o sistema maoista de emprego vitalício do tipo “tigela de arroz”. Embora os salários fossem irrisórios nesse sistema, os trabalhadores urbanos da maioria das empresas tinham acesso gratuito ou quase gratuito a moradia, educação e assistência médica. Mais importante ainda, era quase impossível tirar as pessoas de seus empregos... No entanto, na década de 1990, o Estado havia decidido claramente que os mercados de trabalho capitalistas eram o futuro, o que foi sinalizado mais claramente pela lei trabalhista de 1994, que estabeleceu uma estrutura legal para o trabalho assalariado... No entanto, em vez de inaugurar um mercado de trabalho altamente regulamentado nos moldes social-democratas (como muitos reformadores queriam), o trabalho foi mercantilizado e continua altamente informal. [p.15]

Os autores argumentam que o Estado chinês

governa de acordo com os interesses gerais do capital... A natureza capitalista do Estado é bastante clara na política do chão de fábrica. Nas últimas três décadas, a China assistiu a uma explosão de insurgência dos trabalhadores; o país é o líder global em greves selvagens. Como o Estado reage quando os trabalhadores empregam a tradição consagrada pelo tempo de reter seu trabalho do capital? Sua polícia intervém quase exclusivamente em nome dos patrões contra os trabalhadores, um serviço que presta a empresas privadas



interromper uma greve. [p.17]

Eles explicam que não existem sindicatos genuínos:

O único sindicato legal é a *All-China Federation of Trade Unions* (ACFTU), uma organização controlada pelo PCCh. Em vez de representar os trabalhadores e defender seus interesses, a ACFTU garante a paz trabalhista para as corporações. Como era de se esperar, é prática comum que os gerentes de RH das empresas sejam indicados como presidente do sindicato em nível de empresa. [p.18]

Foi permitido que os capitalistas se juntassem ao PCCh e aos órgãos governamentais:

Na sessão de 1998-2003 do Congresso Nacional do Povo (NPC), os trabalhadores constituíam apenas 1% dos representantes, enquanto os empresários constituíam 20,5%, uma inversão drástica em relação à década de 1970. Atualmente, o NPC e o Congresso Consultivo do Povo Chinês têm uma concentração surpreendente de plutocratas. Em 2018, os 153 membros mais ricos desses dois órgãos do governo central tinham uma riqueza combinada estimada em US\$ 650 bilhões. [p.19]

Assim como nos Estados Unidos, há uma “porta giratória” entre as corporações e as instituições estatais. [p. 19]

O setor estatal relativamente forte da economia chinesa é às vezes citado como evidência de que a China não é capitalista. Entretanto, os autores ressaltam que, antes da era neoliberal, as empresas estatais (SOEs) eram comuns nos países capitalistas. Além disso, o setor estatal da China foi drasticamente reduzido:

Dezenas de milhões de trabalhadores do setor estatal foram demitidos na década de 1990 e no início dos anos 2000 como parte da campanha do Estado para “esmagar a tigela de ferro de arroz”. Lançados em um mercado de trabalho para o qual estavam totalmente despreparados, essa campanha de privatização gerou crises de subsistência e uma enorme luta de classes. Após essa onda de vendas e roubo das pensões dos trabalhadores, as empresas



Isso inclui o uso generalizado de trabalhadores temporários.

Uma “potência imperial”

Os autores argumentam que a China se tornou “uma nova potência imperial”:

Ela luta por sua participação no mercado mundial, reforça o subdesenvolvimento do Sul Global e faz acordos para garantir recursos em todo o mundo. A integração da China ao capitalismo global gerou tanto colaboração quanto competição entre ela e os EUA, bem como com outras potências imperialistas. [p.27]

A economia da China cresceu rapidamente:

A economia da China explodiu de meros 6% do PIB dos EUA em 1990 para 80% em 2012. As corporações multinacionais impulsionaram o boom. Mas a China exigiu que as empresas estrangeiras de alta tecnologia e capital intensivo transferissem sua tecnologia para empresas estatais e privadas locais. Assim, o Estado chinês apoiou o desenvolvimento do capital nacional e o capacitou a competir no sistema mundial. [p.32]

Os autores afirmam que a China contribuiu para a continuidade do subdesenvolvimento no Sul Global:

Na América Latina, suas exportações baratas prejudicaram as indústrias da região e reduziram os países ao envio de matérias-primas para a China – a clássica armadilha da dependência. [p.34]

A China também aumentou seus gastos militares para US\$ 293,35 bilhões em 2021, o segundo maior do mundo depois dos EUA. [p.41]

A China também tem buscado um programa agressivo de estabelecimento de bases militares em ilhas que reivindica no Mar do Sul da China, bem como reivindicações territoriais contra vários estados no Mar da China Oriental...



Brasil, Taiwan, Vietnã, Indonésia e Malásia. [p.44]

Os autores observam que,

apesar de sua ascensão, a China continua dependente dos países capitalistas avançados, especialmente dos EUA. Ela precisa deles para obter mercados e insumos, especialmente microchips avançados que ainda não é capaz de fabricar por conta própria. [p.43]

Concordo que a China está agindo cada vez mais como uma potência imperialista. Mas a situação é complexa: a classe trabalhadora da China ainda está sendo superexplorada pelo capital estrangeiro, um padrão geralmente indicativo de um país semicolonial.

Resistência

O rápido crescimento econômico da China é às vezes chamado de “milagre”. Mas os autores afirmam,

O crescimento da China baseia-se na exploração da classe trabalhadora, no trabalho reprodutivo não remunerado, especialmente das mulheres, e na desapropriação das terras, dos recursos naturais e dos bens de propriedade coletiva das pessoas. Essas formas de exploração e roubo beneficiam não apenas as elites chinesas, mas também ajudaram a garantir a lucratividade do capitalismo em nível global, enriquecendo assim as corporações e os investidores dos países ricos da América do Norte, Europa e Ásia. [p.47]

Também houve resistência à opressão e à exploração:

Os camponeses têm lutado consistentemente contra as práticas corruptas e antidemocráticas de confisco de terras e mercantilização. Suas contrapartes urbanas fizeram o mesmo. As pessoas se organizaram contra a demolição de bairros inteiros a pedido de incorporadores ávidos por terras e seus aliados no governo municipal. Na década de 1990, os trabalhadores se mobilizaram contra o roubo de bens públicos durante a privatização de empresas estatais... Trabalhadores migrantes do campo assumiram o manto da resistência nas fábricas e no setor de serviços em rápida expansão...



coletivos de trabalhadores e camponeses com mais de vinte e cinco pessoas, chegaram a 87.000 em 2005, ano em que o governo parou de registrar dados...

Mesmo sem uma organização formal, essas lutas conquistaram grandes vitórias simbólicas, legais e materiais tanto do Estado quanto do capital. [p.47-48]

Muitas greves conquistaram aumentos salariais ou melhores condições de trabalho. Mas a agitação também forçou o governo a mudar algumas de suas políticas.

Um exemplo é a resistência à privatização das empresas públicas:

Os trabalhadores resistiram a essas reformas de mercado com uma onda de luta. Do final da década de 1990 até o final da década de 2000, eles realizaram protestos e greves contra demissões, roubos de pensões e privatizações. Talvez o exemplo mais famoso tenha sido o movimento em Liaoyang em 2002, quando dezenas de milhares de trabalhadores de empresas estatais se revoltaram contra o fechamento de fábricas, ameaçando a estabilidade social. Muitos outros protestos empregaram táticas radicais, como bloqueios de estradas e trens. Em 2009, os trabalhadores do Tonghua Iron and Steel Group, na província de Jilin, capturaram e espancaram até a morte um executivo de uma empresa privada que estava liderando um esforço de privatização. O Estado respondeu com repressão, prendendo e condenando os líderes a longas penas de prisão. Os trabalhadores que perderam seus empregos se viram no mercado de trabalho privado sem muita esperança de encontrar um trabalho decente. No entanto, sua resistência feroz contribuiu para a decisão de Hu Jintao de recuar na privatização da indústria estatal. [p.55]

Outro exemplo é a luta dos trabalhadores migrantes:

Os migrantes do campo são trabalhadores de segunda classe no regime de cidadania interna estratificada. Eles são excluídos dos serviços sociais em suas cidades de adoção porque o registro de suas residências, o *hukou*, está vinculado às suas cidades rurais. Por um lado, seu acesso a benefícios nessas cidades lhes proporciona alguma proteção durante períodos de desemprego. Mas, por outro lado, seu



Esses trabalhadores responderam à sua exploração com lutas trabalhistas militantes, assim como as classes trabalhadoras em outros países que passaram por processos semelhantes de industrialização. Suas demandas se concentraram em salários, condições e proteções legais...

Em uma tentativa de reprimir essa onda de militância, o governo chinês promulgou reformas trabalhistas que codificaram os direitos básicos dos trabalhadores... No entanto, isso não conseguiu reprimir as greves ou os protestos e pode, na verdade, ter inspirado os trabalhadores ao recompensar suas ações e dar-lhes legitimidade legal...

Os trabalhadores partiram para a ofensiva, exigindo aumentos salariais acima das exigências legais. Uma greve na fábrica de transmissões da Honda em Nanhai desencadeou uma onda de greves em massa no setor automotivo no verão de 2010. [p.55-57]

O livro discute a opressão das mulheres e a resistência feminista. A privatização aprofundou a opressão das mulheres. No passado, as empresas estatais forneciam a seus funcionários moradia, assistência médica, cuidados com crianças e idosos. A privatização significou a perda desses serviços.

Os pais precisam pagar por creches comerciais, cuidar dos filhos em casa ou, no caso de muitos trabalhadores migrantes, pedir aos avós de sua aldeia natal que cuidem deles.

Atualmente, a China está entre os poucos países do mundo onde não há gastos governamentais com serviços de cuidados para crianças menores de três anos. [p.64]

Essa situação aumenta a carga sobre as mulheres e contribuiu para o aumento da diferença salarial entre homens e mulheres.

Algumas mulheres se organizaram para tentar melhorar a situação. Um grupo chamado *Youth Feminist Activism* (Ativismo Feminista Jovem)



...camminadas, tudo isso exigindo reformas para lidar com a discriminação e a violência de gênero em toda a sociedade. [p.71-72]

Cinco líderes do grupo foram presas em 2015.

Questões nacionais da China

A China tem 56 etnias oficialmente reconhecidas, mas 92% da população pertence à maioria Han. As minorias vivem principalmente nas periferias da China.

Essas áreas sofreram explosões de rebeliões:

De 2008 a 2020, a periferia da China foi o local de intensa resistência social. Essa sequência de doze anos testemunhou revoltas maciças no Tibete, em Xinjiang e em Taiwan. Hong Kong viu dois episódios espetaculares de insurgência em massa, primeiro em 2014 e depois novamente em 2019. [p.77]

Houve diferentes causas imediatas para esses eventos, mas

em nítido contraste com o caráter dos protestos nas regiões centrais da China, todos eles foram marcados por uma hostilidade aberta ao Estado chinês. [p.77]

Com relação ao Tibete, os autores afirmam:

Embora o crescimento do PIB da região tenha sido impressionante, a maioria dos bons empregos e das oportunidades empresariais foi para os colonos han... A discriminação antitibetana no mercado de trabalho está bem documentada...

Os colonos han nas regiões tibetanas têm sido os principais beneficiários da expansão dos gastos do governo com infraestrutura – e esses próprios projetos geralmente implicam o deslocamento e a desapropriação das populações tibetanas. [p.81]

Junto com a repressão à cultura tibetana, a discriminação econômica levou a um “ressentimento latente contra o domínio colonial han”. [p.82]

Os autores afirmam que:



como bem entendem. [p.83]

A situação é semelhante em Xinjiang:

O governo central financiou grandes projetos de infraestrutura e incentivou o investimento privado na região...

Os uigures, no entanto, pouco se beneficiaram do impressionante crescimento econômico de Xinjiang, cujos despojos foram em grande parte para os colonos han. Essa desigualdade racial é o produto da discriminação na educação e no mercado de trabalho. O avanço no sistema de ensino superior da China exige o domínio do mandarim, o que coloca os falantes nativos de uigur (bem como os falantes de tibetano, cazaque e outros idiomas minoritários) em nítida desvantagem. [p.84]

Essa situação levou a revoltas raciais em 2009, seguidas por

uma insurgência de baixo nível e ocasionalmente violenta [que] perdurou por anos. Os uigures se envolveram em vários ataques com faca a delegacias de polícia em Xinjiang. [p.85]

O Estado chinês lançou uma “guerra popular contra o terror” para erradicar o “extremismo islâmico”. Os autores descrevem essa “guerra” da seguinte forma:

Em 2017, o Estado havia construído campos enormes, eufemisticamente chamados de “centros de reeducação”, onde prendeu centenas de milhares de muçulmanos. Embora o pretexto fosse o de que se tratava apenas de locais de treinamento para o trabalho, extensos vazamentos, bem como documentos governamentais disponíveis ao público, revelaram que os campos tinham a intenção de promover a “desradicalização” e um senso de “unidade étnica”, bem como a submissão ao domínio do PCC. [p.85]

A língua e a cultura uigur foram atacadas, e um “sistema distópico de vigilância” foi criado em Xinjiang. [p.85]



nos campos para produzir commodities para venda no mercado mundial.

Os protestos em Hong Kong se concentraram principalmente em questões de direitos democráticos – oposição a leis repressivas e exigências de eleições livres. Os autores argumentam que a falta de democracia está ligada ao nível muito alto de desigualdade econômica em Hong Kong, onde uma oligarquia rica controla o governo, enquanto as moradias públicas são inadequadas e as pessoas pobres são “forçadas a se espremer em apartamentos minúsculos com aluguéis exorbitantes”.

[p.90] A discriminação contra aqueles que não falam mandarim também causa descontentamento.

Taiwan nunca foi controlada pelo PCCh, mas o PCCh afirma que faz parte da China porque já foi parte do império Qing. Taiwan foi governada pelo Japão entre 1895 e 1945, depois assumida pelo Kuomintang (KMT), o partido apoiado pelos EUA que governou a China até ser derrotado pelo PCCh em 1949.

Os autores dizem que o povo taiwanês via o KMT como uma “força de ocupação brutal”. Quando eles se rebelaram, o KMT “respondeu com repressão brutal, matando muitos milhares e prendendo e torturando outros milhares”. [p.94]

Na década de 1980, o movimento pró-democracia de Taiwan conseguiu conquistar a liberalização política e a democracia parlamentar. Enquanto isso, as reformas de mercado de Deng Xiaoping criaram oportunidades na China continental para os capitalistas taiwaneses:

As empresas de Taiwan despejaram enormes somas de investimentos nas zonas de processamento de exportação da China, que se expandiram rapidamente. O exemplo mais famoso é o da Foxconn, que encontrou na China um ambiente livre de sindicatos, com atores do governo local capazes de garantir grandes extensões de terra e forças de trabalho gigantescas a preços baixos... Ironicamente, foi o antigo inimigo do PCCh, o KMT, que defendeu, em nome da elite endinheirada de Taiwan, uma integração mais profunda entre as duas economias. [p.96]

Entretanto, em 2014,





influência econômica da China. Centenas de manifestantes ocuparam o prédio do Yuan Legislativo por semanas, mobilizando um apoio público maciço em um esforço bem-sucedido para inviabilizar o acordo comercial. [p.97]

Resumindo, os autores dizem:

Assim, a adoção aberta do chauvinismo e do etnonacionalismo Han pelo PCCh detonou as lutas pela autodeterminação nacional em seu território e na periferia. [p.99]

Embora reconheçam que os políticos ocidentais tentam tirar proveito desses movimentos, eles argumentam que a esquerda deve apoiar as lutas pela democracia e pela autodeterminação.

EUA e China

A rivalidade entre os EUA e a China está crescendo:

Como o conflito sobre Taiwan deixa claro, a ascensão da China como nova potência capitalista a levou a um crescente confronto com os EUA. [p.103]

Até o primeiro governo Trump, a política dos EUA em relação à China era “uma combinação de contenção e engajamento”. [p.108] Os EUA tentaram incorporar a China em sua ordem mundial neoliberal.

Ao mesmo tempo, Washington permaneceu cauteloso devido à relutância de Pequim em seguir totalmente seus ditames e, portanto, protegeu suas apostas mantendo elementos de uma política de contenção em relação à China. Por exemplo, manteve seu vasto arquipélago de bases militares na Ásia-Pacífico e patrulhou regularmente suas águas, inclusive o estreito de Taiwan, com porta-aviões e navios de guerra. [p.109]

Trump adotou uma abordagem mais abertamente hostil, lançando uma guerra tarifária e tentando acabar com a transferência de tecnologia entre empresas americanas e chinesas. Biden deu continuidade, em grande parte, a essa política. Os autores comentam que:



nacionais rivais em algumas áreas econômicas estratégicas, enquanto mantém cadeias de suprimentos globais em outras. [p.121]

Há também uma “corrida armamentista na região”, com os EUA, a China e outros países aumentando seus gastos militares. [p.122]

Meio ambiente

A China tornou-se o maior emissor de dióxido de carbono do mundo em 2006. Em 2019, as emissões anuais de dióxido de carbono da China eram o dobro das dos EUA. A industrialização também levou à poluição da terra, da água e do ar.

Esses problemas resultam do desenvolvimento capitalista da China:

As corporações multinacionais... realocaram muitas de suas “indústrias sujas” para a China, onde a regulamentação ambiental era e é frouxa. [p.127]

A poluição levou a protestos em massa:

De fato, o descontentamento e a resistência popular forçaram o Estado a promulgar medidas que, pelo menos parcialmente, tratam da degradação ambiental. Por exemplo, as críticas populares dos residentes urbanos contra a poluição do ar em grandes cidades como Pequim forçaram o governo a fechar ou realocar indústrias altamente poluentes. [p.130-131]

Solidariedade internacional

No contexto da intensificação da rivalidade entre os EUA e a China, os autores defendem a solidariedade internacional:

Os governantes de ambos os países recorreram ao nacionalismo para desviar a raiva popular para o povo oprimido e seus rivais imperiais. Ao mesmo tempo, o aumento da exploração e da opressão produziu e produzirá lutas intensas dos trabalhadores e dos oprimidos tanto nos EUA quanto na China. Nesse contexto, a esquerda deve adotar uma abordagem clara de construção de solidariedade internacional a



Eles acrescentam:

Nosso trabalho é unir as redes de ativistas, por mais rudimentares que sejam, nos EUA, na China e em outros lugares, que possam, no futuro, fazer da solidariedade recíproca vinda de baixo uma força para se opor ao capitalismo global, ao nacionalismo das grandes potências e às rivalidades inter-imperiais que eles alimentam. [p.175]

Chris Slee é colaborador da revista eletrônica LINKS.

● **BRASIL**

Indígenas Kayapó, Panará e Munduruku se unem a protesto contra dragagem do Tapajós

Clima Info || 23 FEV 2026



● **INTERNACIONAL**

DSA atinge 100 mil membros – Entrevista com Hayley Banyai-Becker

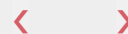
Fundação Lauro Campos e Marielle Franco || 23 FEV 2026



● BRASIL

Federação com o PT, o papel do ministro Guilherme Boulos e o futuro estratégico do PSOL

Secretariado Nacional do MES || 17 FEV 2026

**TV MOVIMENTO****Encontro Nacional do MES-PSOL****Encontro Nacional do MES-PSOL**

Ato de Abertura do Encontro Nacional do MES-PSOL, realizado no último dia 19/09 em São Paulo

● TRABALHO E SINDICALISMO

Manifesto contra o PLP 152/2025

Vários Autores || 23 FEV 2026



● INTERNACIONAL



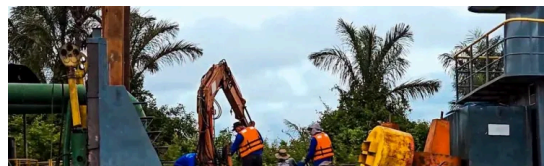
Dan La Botz / | 23 FEV 2026



● OPINIÃO

Relatos de um Rio em disputa

Frederico Henriques / | 20 FEV 2026



● INTERNACIONAL

Reforma de Milei aprofunda ataque aos direitos trabalhistas

Redação da Revista Movimento / | 20 FEV 2026



EDITORIAL

ISRAEL DUTRA | 12 FEV 2026

A ocupação da Cargill é um símbolo da resistência

A vitória da luta dos indígenas será um freio contra a devastação do meio ambiente e um sinal para toda as lutas do país



PUBLICAÇÕES



A ascensão da extrema direita e o freio de emergência

Conheça o novo livro de Roberto Robaina!

[Ler mais](#)

PODCAST EM MOVIMENTO



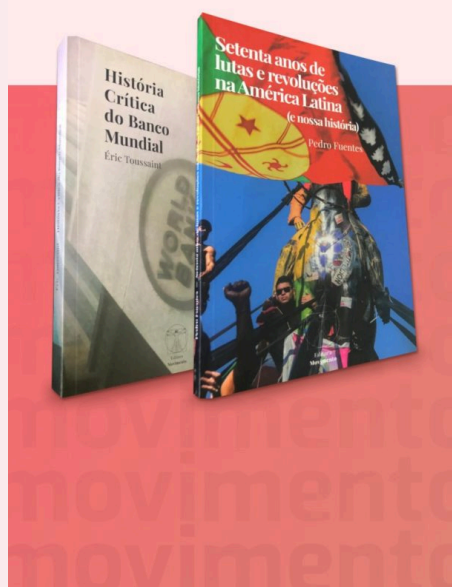
167 - Por que trabalhadores defendem b

30 de out. · Em Movimento

Salvar no Spotify

39:06

Conheça as publicações da Editora Movimento



COLUNISTAS



Frederico Henriques

Relatos de
um Rio em
disputa



Tatiana Py Dutra

Fernanda e
Sâmia se
somam à
resistência
indígena
contra
privatização
dos rios
amazônicos



[Ver todos](#)

PARLAMENTARES DO MOVIMENTO ESQUERDA SOCIALISTA (PSOL)



**Mariana
Conti**

*Vereadora
(Campinas, SP)*

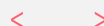
Tarcísio viola
direitos de
estudantes
surdos



**Letícia
Chagas**

*Co-deputada
Estadual (PSOL SP)*

‘O movimento
negro é um
espaço de
disputa de
horizonte
político,
teórico e
imaginário’

[Ver todos](#)

PODCAST EM MOVIMENTO

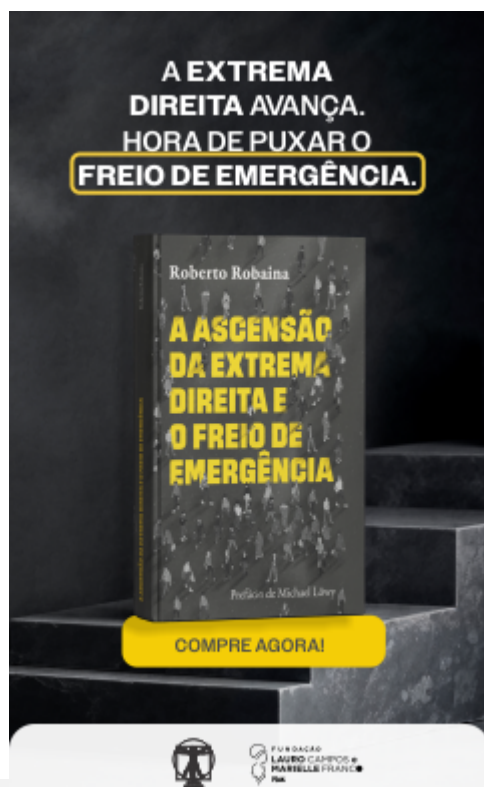


167 - Por que trabalhadores defendem b

30 de out. · Em Movimento

Salvar no Spotify

39:06



Conheça o novo livro de Roberto Robaina!

Autores

Ler mais

Ver edições
anteriores

Receba nossos boletins por e-mail

Nome

E-mail

Enviar



[Página inicial](#)

[Sobre a Movimento](#)

[Edições impressas](#)

[Colunistas](#)

[Parlamentares](#)

[Entre em contato](#)

[Sobre o MES](#)

[PSOL Nacional](#)

[Juntos!](#)

[Rede Emancipa](#)

[Portal de la Izquierda](#)

Copyright © 2016-2026 Editora Movimento

O conteúdo deste site, exceto quando proveniente de outras fontes ou onde especificado o contrário, está licenciado sob a Creative Commons by-sa 3.0 BR.